

A AVALIAÇÃO

META

Explorar as diversas possibilidades de avaliação do conhecimento aprendido.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

definir avaliação;

diferenciar os diversos tipos de avaliação; e

identificar os principais problemas de aprendizagem.

PRÉ-REQUISITOS

Ter conhecimento sobre os conteúdos apresentados nas aulas 12 a 19 desta disciplina.



INTRODUÇÃO

De acordo com Miras e Solé (1996), a avaliação moderna teve início com os trabalhos de Ralph Tyler no início da década de trinta do século passado. Porém, a sua existência já vinha de muito antes, com a busca da verificação de mudanças de comportamento por parte do aprendiz, constatando-se, assim, a sua evolução. Com o passar do tempo, os conceitos e idéias que influenciam o processo avaliativo desenvolveram-se cada vez mais, ocasionando o surgimento de diversas correntes filosóficas que embasam o assunto e dificultando a construção de um modelo mais unitário de sua prática.

Nesta aula, teremos a oportunidade de estudar idéias que nos mostrarão que a avaliação não é uma forma de punição como pensam alguns professores, e também não é uma fonte de notas como pensam alguns alunos. Ela é sim um instrumento importante para o desenvolvimento do aluno e do processo de ensino e aprendizagem sempre que for bem utilizada.



Sala de aula em dia de prova. (Fonte: <http://www.g1.globo.com>).

AVALIAÇÃO

Olá, caro aluno! Estamos iniciando a nossa última aula de Introdução à Psicologia da Aprendizagem. O tema desta aula é a avaliação além de alguns tipos de avaliação que são utilizados pelas escolas e pelos professores para verificar o grau de aprendizagem do aluno.

É um tema bem interessante e cheio de questionamentos, e, com certeza, cheio de lembranças... Entre os possíveis questionamentos podem surgir alguns do tipo: O que quero avaliar? Como farei para avaliar determinado aspecto? Será que para avaliar o conhecimento de um aluno basta formular

algumas perguntas e depois verificar se ele respondeu de acordo com o livro didático ou com o que foi dito em sala de aula, dentro de um determinado tempo, num dia pré-determinado e num lugar apropriado? O que você acha, caro aluno? É, são diversas as possibilidades de questionamento.

Além dos questionamentos temos as lembranças, algumas boas e outras nem tanto. Quem não se lembra das avaliações a que foi submetido no período em que freqüentava a escola? Tenho certeza de que foram muitos os acontecimentos relacionados a este tema, alguns engraçados e outros trágicos, às vezes protagonizados pelos alunos, outras pelos professores.

Só para exemplificar, na minha época de escola, já vi aluno chegar à sala de aula, no dia da prova, sem saber que haveria prova. Já vi professor que ao surpreender o aluno dando cola para outro começou a pedir que não fizessem aquilo, pois iria prejudicá-los no futuro. O professor não sabia o que fazer e, no final do processo, a nota do aluno que colou ainda foi bem alta. Uma destas situações aconteceu comigo, era prova de literatura sobre o romance *Luzia Homem* (clássico da literatura brasileira do jornalista e romancista Domingos Olímpio Braga Cavalcante), e um amigo que estava sentado na carteira atrás da minha queria que eu passasse as resposta da prova. Para isto eu teria que me virar e falar, a professora estava por perto e eu não tinha certeza das respostas. Falei que não dava para fazer e ele inconformado começou a dar pequenos chutes no pé da minha carteira que andou um pouco para frente, até que ele parou. No dia foi uma situação complicada, mas logo após a prova estávamos todos rindo.

Outro ponto a ser destacado nesta aula e que pode interferir na forma como você vê a avaliação é o tipo de valor desenvolvido ao longo dos tempos: punição e gratificação. No primeiro caso, a avaliação é utilizada com ameaças e como controle, a fim de manter a ordem na classe; no segundo, ela tem a função única de atribuir uma nota ao aluno, mas a existência de notas ruins não estimula o professor a verificar o que está acontecendo.

Ao tratarmos deste assunto, é importante recorrermos à memória, pois muito do que acreditamos ser a avaliação vem do que aprendemos na prática e na observação dos professores que nos ensinaram. A questão é que a impressão que ficou será o seu parâmetro. Caso tenha sido uma impressão positiva, ótimo, se foi negativa, isto poderá atrapalhar a forma como você vai lidar com este instrumento, e este será o nosso ponto de partida.

ATIVIDADES

Vamos lá, caro aluno, exercite a sua memória. Como já foi mostrado, as recordações que você tem dos momentos de avaliação podem ter sido marcantes, tanto de uma forma positiva como negativa, e isso poderá influenciar modo de utilizar o instrumento. Gostaríamos, assim, caro aluno, que você buscasse em sua memória momentos em que foi submetido a



processos avaliativos. Em seguida, você vai escrever como eram realizadas essas avaliações e como este procedimento mexia com você. A resposta deverá ser publicada no Fórum sobre avaliação. Não se esqueça de comentar as respostas dos seus colegas, pois esta troca de experiências é de grande importância para a sua prática em sala de aula.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A resposta para esta questão é bem pessoal. Nela você pode relatar sobre o formato da maioria das avaliações a que foi submetido (subjetiva, objetiva, se era de assunto específico ou de todo o conteúdo...). Deverá falar também sobre como as vivências mexiam com você, se você ficava tranquilo, nervoso, se dependia do assunto, do professor ou se havia se preparado bem. Comentar as respostas dos colegas e ler os comentários feitos na sua resposta ajuda a entender a idéia que você tem e que os outros têm sobre a avaliação.

EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO

“Em busca de uma definição” é um título bem contextualizado para este tópico da aula, pois se temos uma certeza quando falamos de avaliação é que diversos especialistas no assunto produzem diversas definições sobre esse tema.

Miras e Sole (1996), por exemplo, vão mostrar-nos que a idéia de avaliação percorre dois pólos principais: a emissão de um juízo sobre algo e a condição de reunir informações, examinar um contexto para se tomar algum tipo de decisão sobre ele.

Na primeira possibilidade, os autores citados se referem aos trabalhos de Noizet e Caverni (1978) e Nevo (1983) para enfatizarem que o juízo traz em si o componente avaliativo. Utilizamos o juízo, caro aluno, sempre que fazemos uma escolha, quando refletimos sobre alguma coisa ou desenvolvemos uma opinião. É uma capacidade que temos para avaliar objetos, pessoas, situações, contextos, idéias, desempenho, instrumentos etc. “Noizet e Caverni (1978) enfatizam o caráter do juízo inerente a todo ato avaliativo, independentemente do objeto avaliado e dos critérios utilizados para levar a cabo a avaliação” (Miras; SolÉ, 1996, p. 375).

Como foi colocado, caro aluno, o outro pólo diz respeito à busca por informações que possam ajudar na tomada de uma decisão. Neste ponto, são lembrados Cronbach e outros (1980) e De Ketele (1980), que defendem esta perspectiva. Eles nos mostram que uma das funções da avaliação é examinar a ação de um programa para levantar informações que resultem

em sua melhora. Nesta visão, procura-se a associação entre o conjunto de informações e os critérios fixados para se atingir um determinado objetivo e assim chegar a uma decisão (Miras; SolÉ, 1996).

Em nossa opinião, ambos os aspectos, o de “juízo” e o de “tomada de decisões” intervêm na avaliação educativa, ainda que adquiram maior ou menor preponderância, segundo os casos. Por hora, basta assinalar que consideramos a avaliação como uma atividade mediante qual, em função de determinados critérios, se obtêm informações pertinentes acerca de um fenômeno, situação, objeto ou pessoa, emite-se um juízo sobre o objeto de que se trate e adota-se uma série de decisões relativas ao mesmo. Neste contexto, a avaliação educativa, quer se dirija ao sistema em seu conjunto, quer se dirija a qualquer de seus componentes, corresponde sempre a uma finalidade, a qual, na maioria das vezes, implica a tomar uma série de decisões relativas ao objeto avaliado. A finalidade da avaliação é um aspecto crucial desta, já que determina em grande parte o tipo de informação que se consideram pertinentes para avaliar, os critérios que se toma como ponto de referência, os instrumentos que se utilizam e a situação temporal da atividade avaliativa (MIRAS; SOLÉ, 1996, p. 375).

Devemos sempre lembrar, caro aluno, que ao pensarmos em avaliação estamos nos referindo ao objeto avaliado e aos critérios escolhidos para esta finalidade. Sendo assim, chamamos a sua atenção para o fato de que uma resposta ou desempenho pode ser avaliado positiva ou negativamente de acordo com os critérios estabelecidos.

Podemos avaliar, no caso da ação educativa, todo o sistema ou qualquer dos seus componentes. Para isso, vamos refletir um instante. Quando falamos em avaliação, caro aluno, em que você pensa? Em sua opinião, o que devemos avaliar? De certa forma este questionamento já foi feito no início desta aula. Será que o seu pensamento modificou em algo? Responda para você mesmo.

O mais comum é pensar a avaliação como a verificação do conhecimento do aluno, concorda? Apesar de esta ser uma das formas conhecidas e disseminadas nas escolas, Miras e Sole (1996) citam Coll (1980) para nos fazer refletir sobre um importante aspecto: a eleição do que será avaliado. Ele destaca que diante de tantas possibilidades de avaliação podemos ir dos objetivos, passando pelos conteúdos e as propostas de intervenção, atingindo recursos e materiais didáticos, mas fica uma questão. Será que realmente é adequado fazer uma avaliação educativa somente com a avaliação do aluno? Lembrando a você que tal avaliação é somente um aspecto de todo o conjunto.

Quantos professores aproveitam o período de provas para fazer um levantamento do método utilizado? Você acha que esta é uma prática frequente? Vejamos o que os autores comentam sobre a importância da avaliação:

Os critérios adotados como referencial da avaliação educativa traduzem, ou devem traduzir, a natureza da educação institucionalizada, atividade intencional, de caráter eminentemente social e socializador, mediante a qual se pretende que os membros de um grupo social adquiram a bagagem que os capacite para tornarem-se agentes ativos da mesma. Neste sentido, continua sendo útil a já clássica distinção (Reuchlin, 1984; Noizet e Caverni, 1978) entre os objetivos sociais e os objetivos pedagógicos que regem a ação educativa, objetivos que, por outro lado, encontram-se intimamente ligados. Os objetivos sociais definem as finalidades globais que um grupo social pretende através da escolarização; por sua vez, os objetivos pedagógicos delimitam os resultados que os alunos devem ter alcançado no término de sua formação total ou de qualquer um de seus segmentos. Obviamente, não pode existir contradição entre objetivos sociais e objetivos pedagógicos, visto que estes últimos devem estar a serviço dos primeiros. Porém, a distinção acaba sendo útil, na medida em que, como frisou Coll (1983d), permite identificar duas grandes vertentes da avaliação educativa: a que se refere à avaliação social do sistema educativo a que concerne à avaliação dos objetivos pedagógicos. (MIRAS E SOLÉ, 1996, p. 376).

Devemos ficar atentos, caro aluno, para perceber que a avaliação educativa não se trata de uma ação exclusivamente técnica. Miras e Sole (1996) nos mostram que os juízos que são emitidos nos momentos de se avaliar juntamente com as decisões tomadas e adotadas dependem de um marco psicológico que serve como referência para compreender e interpretar o que é ensinado e o que é aprendido. Não podemos nos esquecer de buscar os referenciais teóricos que nos ajudam na formação do juízo avaliativo.

OS TIPOS DE AVALIAÇÃO E SUAS FUNÇÕES

São muitas as formas em que a avaliação pode ser adotada. De uma forma geral, os autores adotam algumas categorias que serão demonstradas nesta aula. Miras e Sole (1996) nos trazem as seguintes classificações:

CONTÍNUA OU PONTUAL: este tipo de avaliação tem como característica o fato de ser geralmente interna, ou seja, o professor que acompanha a turma é o mesmo que avalia. Neste modelo, ele pode perceber a evolução, as dificuldades e a adaptação do aluno. Observe que, neste caso, o professor tem a condição de avaliar todo o processo, mas, se quiser ou for necessário, poderá fazer uma avaliação pontual, isto é, específica de algum ponto ou aspecto. As duas possibilidades co-existem.

Encontramos ainda a avaliação conhecida como externa, que é realizada por alguém que não acompanhou aquele aprendiz. Neste caso, a avaliação será pontual, já que os conteúdos estudados poderão ser avaliados, mas o mesmo não será possível com o desempenho e evolução do aluno.

EXPLÍCITA OU IMPLÍCITA: considera-se avaliação explícita quando a atividade tem um caráter claramente avaliativo e quem se submete a ela tem o perfeito entendimento desta situação. Encontramos esta situação na maioria das provas escolares, concursos e vestibulares, entre outros.

Uma avaliação é considerada implícita quando, mesmo se tratando de uma avaliação, o contexto não transmite esta imagem. Podemos encontrar um bom exemplo desta modalidade nas gincanas, atividades lúdicas com função avaliativa, nos diversos torneios de Matemática (acessar o site da Olimpíada Brasileira de Matemática, <http://www.obm.org.br/>), ou ainda em atividades físicas que servem como avaliação em disciplinas como as de Educação Física.

NORMATIVA E CRITERIAL: na avaliação normativa comparam-se os resultados obtidos pelos alunos da turma, e, desta forma, é possível perceber se algum aluno está se destacando ou ficando para trás. A criterial busca localizar os alunos a partir dos objetivos que foram fixados, se o aluno sabe ou não o conteúdo.

SOMATIVA E DIAGNÓSTICA OU INICIAL: a somativa visa fazer um balanço sobre os conteúdos adquiridos pelo aluno durante o processo de aprendizagem e produzir, assim, um juízo de suas condições acadêmicas.

Para Miras e Sole (1996) este modelo de avaliação é de grande importância para o processo de construção do planejamento e das práticas da Educação, destacando os âmbitos pedagógico e social. É a forma mais tradicional de avaliação, mas ainda assim, não encontra uma forma de aplicação única, variando as formas que são utilizadas nas escolas, principalmente pelos marcos teóricos dos que a utilizam. A avaliação somativa tem finalidades claras e pode ocorrer em uma única aplicação ou de forma parcial.

A diagnóstica ou inicial tem caráter **prognóstico** e avalia as condições que o aluno tem para iniciar outra etapa ou outro conteúdo, ou seja, tem como principal finalidade buscar informações acerca das capacidades e dos conhecimentos prévios dos alunos.

Quando se enfatiza a avaliação como diagnóstica, os autores citam Noizet e Caveri (1978), que se referem ao processo avaliativo como um instrumento seletivo ou de orientação. Como assim? Funciona da seguinte forma, caro aluno: é um instrumento que verifica os conhecimentos do aluno e diz se ele está apto ou não para fazer algo ou integrar determinado grupo. É o tipo de avaliação proposta pelo vestibular. Ela vai apontar os mais aptos para ingressar nos cursos de nível superior, a partir de determinados critérios, enquanto os outros terão que se preparar mais.

Observamos que essa é uma avaliação de modelo externo e, sendo assim, não interfere no processo de ensino e aprendizagem. Queremos dizer que o resultado dessa avaliação não vai alterar a ação dos professores que ensinarão ao aprendiz avaliado.

Quando assume o caráter de avaliação inicial, é utilizada para mostrar ao professor quais os conhecimentos que o aluno tem antes de conhecer o novo conteúdo, ajudando, assim, a construção das seqüências de aprendizagem.

Prognóstico

O Dicionário Eletrônico Houais da Língua Portuguesa, Edição Especial, nos traz algumas possibilidades de definição. Dentre elas destacamos:

- que traça o provável desenvolvimento futuro ou o resultado de um processo.
- suposição, baseada em dados da realidade, sobre o que deve acontecer; previsão

Tradicionalmente, a avaliação foi entendida no âmbito educativo como um meio de controle para adequar as características do aluno às exigências, geralmente prefixadas, de um determinado sistema de formação. Esta função geral, quando tem lugar ao finalizar um processo de ensino e aprendizagem e independentemente da extensão temporal do mesmo, dá origem à denominada avaliação somativa (Scriven, 1967; Allal, 1979). Como já dissemos a finalidade última da avaliação somativa é determinar o grau de domínio do aluno em uma área de aprendizagem. O resultado desta operação permite outorgar uma qualificação que, por sua vez, pode ser utilizada como um sinal de credibilidade de aprendizagem realizada; por isto, em determinadas ocasiões é denominada também avaliação creditativa (MIRAS; SOLÉ, 1996, p. 378).

Lembremos, caro aluno, que a principal característica desta forma de avaliação não é o momento em que ela ocorre, e sim a finalidade de fazer um balanço do que foi aprendido pelo aluno.

AVALIAÇÃO FORMATIVA: esta forma de avaliação atua especialmente em duas áreas: o aluno e o processo. Em relação ao aluno, ela busca indicar os diferentes caminhos (etapas) pelos quais deverá passar para concretizar um determinado aprendizado. Ao professor mostrará os caminhos em que se desenvolvem os processos de ensino e aprendizagem, com suas conquistas e dificuldades.

Os referidos autores nos mostram que esta modalidade de avaliação tem um caráter dinâmico. Mas como assim, um caráter dinâmico? É que os resultados demonstram as necessidades e as falhas do sistema de uma forma geral (alunos, professores, seqüências de ensino...), com isto, caro aluno, é possível promover uma recuperação desta situação, ou seja, pode-se fazer certas modificações para melhorar os resultados de um determinado grupo. Veja bem, estamos falando de soluções desenvolvidas a partir de problemas detectados nos resultados avaliativos. Sendo assim, podemos afirmar que se grupos diferentes apresentarem dificuldades diferentes, então teremos soluções diferentes. Essas soluções podem ter eficiência exclusiva naquele grupo ou, de outra forma, podem antecipar uma questão que é geral, sendo utilizada também em outros grupos. É esta possibilidade de se rever e de modificar os caminhos que marca o dinamismo dessa avaliação.

Isso nos conduz a uma importante reflexão. Sabe qual? A de que nem tudo é ou pode ser abarcado pelas teorias da Educação. Estas contribuem bastante para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, mas, apesar de trazer previsões e possíveis soluções acerca de possíveis problemas, não tem como abarcar todas as dificuldades específicas de alunos ou grupos de alunos.

Neste caso, o professor traz consigo um importante papel, o da tomada de decisão. Vamos entender o que é esse papel? Observe a seguir, de forma mais específica a explicação desse papel na seguinte citação:

Deste modo, a avaliação formativa ajusta-se particularmente bem ao paradigma de investigação que considera o ensino como um processo de tomada de decisões, e o professor como o profissional encarregado de adotá-las (Pérez Gómez, 1983; Shavelson e Stern, 1981; capítulos 14 e 15). Se retomarmos a definição da avaliação educativa veremos que, no caso da avaliação formativa, o componente de “tomada de decisões” adquire um destacado interesse. Com efeito, quando ocorre uma avaliação deste tipo, o professor obtém diversas informações, referentes ao curso do processo educativo. Estas informações lhe permitem emitir um juízo – na maioria das ocasiões, implícito – sobre o desenvolvimento da seqüência e, de acordo com este juízo, imprimir a estas seqüências as modificações pertinentes para ajustá-las às características e capacidades do aluno. Neste caso, as decisões não afetam a orientação dos sujeitos do ensino, nem sua creditação, senão o processo de ensino e aprendizagem e o rumo tomado pela intervenção pedagógica (MIRAS; SOLÉ, 1996, p. 383).

Só para ficar claro, vamos repetir. Esta forma de avaliação nos mostra que nem tudo está escrito nas teorias constituintes das bases da aprendizagem e da Educação, mas que existem especificidades a serem verificadas nos grupos. Essas verificações apontam melhorias necessárias a serem realizadas para que o ensino continue acontecendo. Os autores nos chamam a atenção para que saibamos que esta forma de avaliação segue princípios teóricos e pressupostos conceituais de diversas abordagens, não podemos achar que por verificar o que as teorias não abrangem de forma mais específica, esta não teria a sua base teórica. Miras e Sole (1996) destacam algumas das idéias que acompanham essa avaliação:

- aspectos do aluno a serem verificados;
- métodos e técnicas escolhidos para a captação de informações pertinentes;
- teorias que irão embasar a interpretação dos dados obtidos, a construção de hipóteses além dos possíveis caminhos a serem seguidos.

De uma forma geral, este é um importante instrumento que favorece o progresso do ensino. Tornar esse tipo de avaliação um hábito do professor é algo que se espera.

Como futuro professor, você deverá saber avaliar algumas outras situações que vão além do conteúdo aprendido e do sistema de ensino. Para isto, leia com atenção o box “Um outro tipo de avaliação”, (após o comentário sobre a segunda atividade), em que há uma idéia inicial sobre alguns conteúdos, necessitando de um maior aprofundamento posteriormente.



ATIVIDADES

Agora, caro aluno, você deverá fazer uma comparação entre as formas de avaliação normativa, somativa e formativa, apontando os aspectos que você considera como positivos e negativos.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Podemos observar primeiro a finalidade de cada uma e em seguida os aspectos positivos e negativos a partir do que você conseguiu perceber.

- A normativa tem como finalidade verificar se os alunos encontram-se num grau semelhante de desenvolvimento da aprendizagem, para isto, os resultados dos alunos são comparados e assim é possível saber se alguém não está acompanhando o restante do grupo. Um aspecto positivo desta avaliação é a possibilidade de realizar trabalhos de interação e desenvolvimento a partir dos pressupostos de Vygotsky, ou seja, um aluno com melhor desempenho poderá ajudar os demais. Um aspecto negativo é que se o professor utiliza esta forma de avaliação comparativa sem critérios definidos, poderá causar desconforto em alguns alunos, pois os que foram comparados ficaram abaixo da média da turma.

- A somativa tem como finalidade avaliar a condição de determinado aluno diante do conteúdo ensinado, sem buscar a comparação. É muito comum nas escolas brasileiras e fornece ao professor informações importantes sobre o desempenho do aluno e suas dificuldades em relação a assuntos específicos. O grande problema desta avaliação está no fato de que muitas vezes ela é a única forma de avaliação aplicada e o seu resultado é considerado final sem que aspectos do sistema de ensino, do ambiente e da metodologia do professor sejam considerados.

- A formativa traz informações sobre o aluno e os diversos aspectos que circulam a ação de ensinar e de aprender. Ela avalia todo o processo e revela os pontos em que devem ocorrer as melhoras. Com isto, o professor pode adaptar o ensino para melhor aproveitamento de seu grupo de alunos. Podemos dizer que o aspecto negativo dessa forma de avaliação está na sua utilização de maneira inadequada, pois muitos professores não avaliam desta forma e os que o fazem não repassam as informações para os alunos, que muitas vezes não percebem as diferenças realizadas pelo professor em sala de aula para melhorar o resultado.

UM OUTRO TIPO DE AVALIAÇÃO

Destacaremos, agora, um tipo de avaliação diferente das que conhecemos até agora. Falaremos sobre alguns transtornos que atrapalham o desenvolvimento do aluno, e que se não forem percebidos pelo professor, poderão comprometer esse aluno e alguns outros.

Falaremos de forma breve e na seguinte ordem de acordo com Holmes (2001) sobre: Transtornos de Comportamento Disruptivo e Transtornos da Aprendizagem, Comunicações e Habilidades Motoras.

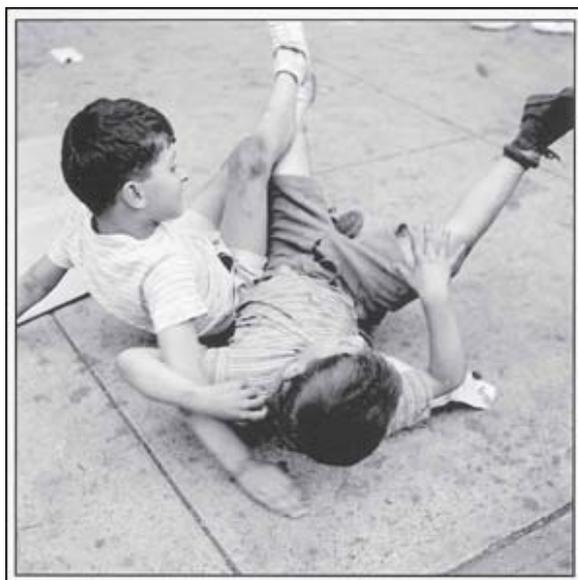
TRANSTORNOS DO COMPORTAMENTO
DISRUPTIVO

Déficit de atenção e hiperatividade: a criança se mostra incapaz de manter a atenção em algo, ou seja, não consegue concentrar-se por um tempo razoável. Como consequência disso, ela mudará de foco muito rápido gerando, assim, uma série de comportamentos denominados disruptivos além de impulsos. São crianças que não param quietas, correm, brincam sem parar e sem considerar o que é apropriado, apresentam dificuldade em terminar o que iniciam e, como afirma o autor, “parecem não ouvir instruções.”

As principais características são a dificuldade de manter a atenção e o alto nível de atividades. Essas crianças interagem tanto com o ambiente que é difícil continuar a aula. Como características secundárias, elas apresentarão facilmente dificuldades na aprendizagem, por conta da dificuldade de se concentrarem para estudar, e no seu desenvolvimento social. Uma observação importante, caro aluno, é que o fato de uma criança ser mal-criada ou tirar a nossa paciência não significa que ela terá esse transtorno. Fique atento para saber fazer um encaminhamento adequado para psicólogos, psicopedagogos e médicos.

Disruptivo

Que provoca rompimento, ruptura, rasgamento; que causa ruína, destruidor, destrutivo.



(Fonte: <http://www.geocities.com>).

Transtorno de conduta: encontramos crianças com um padrão persistente de mau comportamento. Uma das principais características desse transtorno é o rompimento de regras sociais. São crianças que fogem de casa, da escola, mentem, iniciam incêndios, destroem ou invadem propriedades alheias, e podem chegar a praticar crueldades com animais e até pessoas, entre outras atitudes. Observe, caro aluno, que os comportamentos citados por si só ou por um período da vida não irão determinar um transtorno de conduta, mas sim a insistência deles como se fossem naturais ou normais na vida da criança.

A principal característica desse tipo de comportamento é a agressividade contra pessoas, animais e objetos. As principais causas apontadas são de ordem social (problemas familiares e influência do meio) somadas a possíveis problemas de ordem fisiológica (baixa produção de serotonina e altos níveis de hormônio masculino, “testosterona”).

TRANSTORNOS DA APRENDIZAGEM, COMUNICAÇÃO E HABILIDADES MOTORAS

As informações que se seguem foram transcritas da tabela 16.3, intitulada de “Transtornos de aprendizagem, comunicação e habilidades motoras”, localizada na página 344 de Holmes (2001).

Transtorno de Leitura. A habilidade de ler concentra-se marcadamente abaixo do que seria esperado com base na habilidade intelectual da criança.

Transtorno Matemático. As habilidades matemáticas encontram-se marcadamente abaixo do que se espera com base na habilidade intelectual da criança.

Transtorno de Linguagem Expressiva. O uso da linguagem encontra-se marcadamente abaixo do que se espera com base na habilidade intelectual da criança. (ex. vocabulário pobre, sentenças demasiado simples, limitação ao tempo presente).

Transtorno de Expressão Escrita. Composição de texto escrito encontra-se marcadamente abaixo do que se espera com base na habilidade intelectual da criança. (ortografia e gramática pobres).

Transtorno Fonológico. Falha consistente em usar sons da fala como \p\, \b\ e \t\ aos 3 anos e os sons \r\, \sh\, \th\, \f\, \z\, \l\ ou \ch\ aos 6 anos.

Gagueira. Falha consistente em falar sem ruptura involuntária ou bloqueio.

Transtorno de Coordenação Motora. O desempenho de atividades de habilidades motoras mostra-se marcadamente abaixo do que seria esperado com base na idade cronológica e na capacidade intelectual da criança.

Holmes (2001) nos mostra que os problemas citados nesta sessão podem ter causa psicológica ou educacional. Complementamos dizendo que o meio social pode agravar estas dificuldades.

Acesse o site <http://www.psicopedagogia.com.br/abpp/index.shtml> e, na barra cinza, clique em “interesse geral”. Em seguida, conduza o mouse para psicopedagogia e clique em atuação profissional. Lá você encontrará o link Transtornos de aprendizagem, clique nele e leia, em especial, dislexia na Matemática. Seria muito bom que você lesse todos os itens, ok!

Agora, caro aluno, você deverá aprender onde encontrar informações sobre estes problemas. Existem muitos sites interessantes, mas gostaria que você conhecesse o CID-10, Manual internacional de classificação das doenças e transtornos. Para isto, pedimos que você acesse o site <http://w3.datasus.gov.br/datasus/datasus.php> do Ministério da Saúde. Na barra azul, clique em mapa e em seguida em CID-10, que estará na sessão Cadastro Nacional. Na nova página você deverá clicar em consultas e depois em lista de categorias de três caracteres. Agora, clique no capítulo V e procure F80-F89, você poderá ler todos para conhecer mais sobre possíveis problemas em sala de aula. Destacamos o F.81, que traz, entre outras coisas, o problema de habilidade em Aritmética.

ATIVIDADES

Como você já está um pouco mais familiarizado com os transtornos, deverá acessar o site <http://www.psicopedagogia.com.br/opinioao/opinioao.asp?entrID=384>, ler o artigo “Entendendo a Discalculia” e explicar o que entendeu sobre este conteúdo.



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Observamos nesta atividade, caro aluno, que em alguns casos o que parece ser preguiça é, na verdade, uma dificuldade para realizar ou para entender as operações matemáticas. A discalculia é considerada um Transtorno da Matemática que geralmente é associado a transtornos de leitura e escrita. Perceba a importância de estarmos sempre conversando com professores de outras áreas. O texto nos mostra que este não é um problema causado por déficit mental, problemas visuais ou auditivos, por lesões no sistema nervoso ou má escolarização. As crianças portadoras deste transtorno não compreendem relações e proporções (quantidade, ordem, tamanho, distância), além do significado dos símbolos +, -, x e :, o que causa problemas para a aquisição de conhecimento nesta área.

CONCLUSÃO

Ao final desta aula, podemos concluir que a avaliação escolar é uma importante etapa do desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Ela nos mostra de diversas formas como este processo está funcionando e quais as mudanças necessárias em cada nova etapa. Podemos perceber também que o resultado positivo da avaliação dependerá das finalidades e de como o professor irá elaborar este instrumento, ressaltando que não adianta simplesmente fazer algumas perguntas decorativas. Esta é uma etapa séria do processo e por isto deve ser bem elaborada.



RESUMO

Ao pensarmos em avaliação, logo nos surge a idéia de nota e de aprovação no final do ano. Pudemos verificar, nesta aula, que o aspecto mais importante deste processo não é a nota e sim as informações levantadas e as possibilidades de melhora que a acompanham. Verificamos que a avaliação pode ser planejada a partir da necessidade que se apresenta. Diante disso, ela poderá assumir algumas formas como: contínua ou pontual, explícita ou implícita, normativa e criterial, somativa e diagnóstica ou inicial, além da formativa. Saber escolher e planejar a avaliação terá como consequência a melhora no resultado. Além da avaliação de conhecimento e desempenho do aluno, existe outro tipo de avaliação a que o professor deve estar atento. É a avaliação de dificuldades de aprendizagem. São vários os problemas relacionados à aprendizagem, e muitos deles se manifestam no estudo da Matemática. É preciso estar atento para se fazer o encaminhamento correto da situação com o mínimo de impacto possível no aluno.

REFERÊNCIAS

- MIRAS, Mariana; SOLÉ, Isabel. A evolução da aprendizagem e a evolução no processo de ensino e aprendizagem. In: **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- HOLMES, David S. **Psicologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2001.